



## **CARTA AO MESTRE PAULO FREIRE**

Bia Soares Mazuim, Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul e Novo Cabrais<sup>1</sup>

Mariangela Kohls, Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul e Novo Cabrais<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta Carta é parte da transcrição das amorosas falas dos educadores Fernanda Paulo e João Colares, por ocasião do Café Aberto do Grupo de Diálogo Amoroso (GDA 3), em 12/07/23. Elas apontam para as fragilidades e potências para construir e reconstruir as conexões necessárias para as pesquisas e como o trabalho das redes, coletivos e instituições socioeducativas é fundamental para o resgate e o registro da história da Educação Popular Brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Popular. Conexão. Resistência.

Caro e saudoso Paulo Freire, estamos emocionadas por poder te escrever e contar um pouco das coisas por aqui. Ser Rede Café com Paulo Freire é uma imensa alegria e gigantesca responsabilidade em buscar sempre, mais e mais, conhecer e manter o teu legado para a educação popular brasileira.

É um desafio permanente estarmos nos reconstruindo e nos fortalecendo enquanto Rede. Desta forma, estamos em constante busca de novos diálogos com educadoras e educadores populares representantes de coletivos e instituições que escreveram e escrevem a história da educação popular brasileira.

Portanto, nesta carta que amorosa e encantadoramente estamos te escrevendo, vamos transcrever as falas do Café Curto realizado no dia 12 de julho de 2023, com o tema: “os desafios, as adversidades e as potências das redes de Educação Popular”. Os convidados para este amoroso diálogo foram Fernanda

---

<sup>1</sup> Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul/Novo Cabrais. Pedagoga. Especialista em Educação. E-mail: [bia-soaresmazuim@gmail.com](mailto:bia-soaresmazuim@gmail.com)

<sup>2</sup> Café com Paulo Freire Cachoeira do Sul/Novo Cabrais. Pedagoga. Especialista em Educação. E-mail: [mariangelakohls@gmail.com](mailto:mariangelakohls@gmail.com)



Paulo<sup>3</sup>, educadora popular, representando a AEPPA<sup>4</sup> e IFRS<sup>5</sup> Alvorada, e o educador João Colares<sup>6</sup>, representando a UEPA<sup>7</sup> e o CEAAL<sup>8</sup> Brasil.

Na véspera deste Café Curto, Carlos Rodrigues Brandão havia feito sua passagem. Fernanda Paulo, grande amiga de Brandão, organizou a sua exposição a partir do acervo de cartas recebidas de Brandão.

Fernanda começou nos contando sobre uma pesquisa realizada por ela e algumas companheiras sobre as cartas que Brandão trocava com amigas/os do mundo todo. Cartas essas que são tomadas como documentos históricos e políticos e trazem uma contribuição para a Educação Popular e para a Pedagogia latino-americana. Dentre as cartas, 181 foram selecionadas. Dessas, 94 falavam da Educação Popular. Por perceberem que havia conteúdo político-pedagógico chamaram de Cartas Pedagógicas. Na ocasião, Fernanda nos disse:

E por que eu trago isso no tema na questão das redes? A ideia de Rede implica em estabelecer uma ligação entre pontos e, nesse caso, os pontos são Educação Popular entre pessoas que são intelectuais de vários países, de várias cidades do Brasil, amigos e também de instituições que ligavam os pontos da Rede. Para que haja uma verdadeira rede colaborativa, é necessário que haja comunicação e conexão entre essas pessoas. A comunicação se dava na troca de cartas, e a conexão se dava também a partir do tema que era a Educação Popular, em volta dos projetos, sobretudo do Carlos Brandão.

Fernanda abordou duas questões: 1<sup>a</sup>) o objetivo era não desperdiçar a experiência vivida de Brandão em torno da Educação Popular, a partir das Cartas Pedagógicas, buscando realizar uma sistematização de experiências, utilizando então documentos como objeto de análise. Quais eram os documentos? As cartas; 2<sup>a</sup>) as Cartas Pedagógicas podem também ser usadas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. A recuperação do processo vivido, a partir dessas cartas, foi realizado via sistematização de experiência, acreditando que isso

---

<sup>3</sup> Fernanda Paulo dos Santos, Educadora popular, militante da Educação Popular de POA, professora do IFRS Alvorada, doutora em Educação com estudos desde a pedagogia sobre educação popular freiriana, integrante da AEPPA. Através da AEPPA ingressou em outros movimentos, como o Fórum de EJA do estado do RS, o CEAAL e o Fórum Nacional de educadores sociais.

<sup>4</sup> AEPPA – Associação de Educadores Populares de Porto Alegre.

<sup>5</sup> IFRS – Campus Alvorada – Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> João Colares da Mota Neto, educador popular e professor da Universidade do Estado do Pará. Coordenador adjunto da Cátedra Paulo Freire da Amazônia e integrante do Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe – CEAAL.

<sup>7</sup> UEPA – Universidade Estadual do Estado do Pará.

<sup>8</sup> CEAAL – Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe.



era inédito, porque não tinha ainda nenhum trabalho nesse sentido, só a partir de pesquisa e análise de cartas como documento. Também constatamos que as Cartas Pedagógicas, já intituladas como tais, têm características que estão presentes na rede: a solidariedade, a participação e o diálogo.

Fernanda seguiu nos contando que essa rede, tramada por Brandão e suas amigas e amigos, era conectiva e colaborativa. Conectiva, porque Brandão se conectava com as pessoas por meio das cartas, e a rede contribui para a conexão entre as pessoas e as instituições. Colaborativa, porque se observava que Brandão era o elo, convidava pessoas para projetos, para escrever livros, para um diálogo. Havia muita solidariedade, pois, pelo compartilhamento de ideias, anseios, experiências, cada um e cada uma contribuía para o avanço do/a outro/a.

Fernanda refletiu sobre os escritos das Cartas, que já traziam, nas décadas de 60, 70 e 80, questões como: luta pelos direitos sociais, o trabalho como princípio educativo, movimentos populares, formação política em defesa da saúde, cultura, democracia, alfabetização popular, educação popular, educação camponesa, educação indígena, educação do povo negro, educação das mulheres, religiosidade popular, cultura popular e arte popular. Então, ali, vê-se que essas coisas já se discutiam, apenas não tinham sido denominadas como tais. Vê só, Paulo, o quanto de conteúdo, de reflexão, de luta havia nessas Cartas.

Fernanda terminou a conversa, trazendo-nos os desafios para a construção de uma rede: construí-las a partir de uma ação ético-político-pedagógica, que envolve processos formativos em Educação Popular. As redes poderiam ser, primeiramente, em nível nacional; depois buscar o CEAAL no âmbito latino-americano/internacional.

Ainda como desafios estão: construir uma rede de pesquisadoras/es em torno da Educação Popular, mapear Instituições, movimentos e pesquisadores/as que trabalham com esse tema, conhecer a diversidade dos sujeitos e instituições e, por fim, atualizar a história da educação popular, a partir deste mapeamento e pesquisa acerca da diversidade de sujeitos e de instituições que desenvolvem práticas educativas com base na Educação Popular. Outro grande desafio: realizar estudos de pesquisa acerca da Educação Popular com o tema “Educação Popular nos Cursos Universitários”, como componente curricular obrigatório.



Mestre Paulo, tu irias gostar de ouvir a Fernanda Paulo (como ela diz, em seu nome só falta o Freire), é uma educadora animada, estudiosa, muito querida!

Paulo, por fim, nessa noite linda, Fernanda nos apresentou que, nesse vai e vêm de Cartas (para amigas e amigos de várias partes do mundo e, agora chamadas de Cartas Pedagógicas), Brandão evidenciou conceitos importantes para a existência de uma rede, como intersectorialidade, diálogo, solidariedade, colaboração, participação.

Amigo Paulo, ainda encantadas pelas palavras da Fernanda, entramos em conexão com o educador paraense João Colares.

João iniciou com uma reflexão sobre a educação popular na Pan-Amazônia, pensando nas redes, nas conexões e nos desafios de produzi-los nessa região que não é apenas brasileira. A Amazônia, além do Brasil, congrega outros oito países. E em toda a sua extensão encontram-se práticas e processos em educação popular.

Segundo Colares, o que nos chama atenção é que na história da Educação Popular existe profundo silenciamento sobre região norte. Tem-se um capítulo inteiro a ser construído sobre a Educação Popular na Amazônia Brasileira e na Amazônia Internacional. Por vezes, não temos acesso a esses materiais e a essas experiências, pois são frágeis as relações entre educadores/as populares. E isso traz desafios para potencializar as redes. Para João, isso se deve a uma série de razões: ao impacto que o colonialismo exerce sobre a região, no sentido da subalternização e eurocentrismo que impacta nossos povos, nossas instituições e mentalidades.

No entanto, a Amazônia cobre 59% do território brasileiro, são mais de 25 milhões de habitantes, sendo 56% da população indígena com mais de 180 povos e mil comunidades quilombolas. População riquíssima do ponto de vista da sociodiversidade, como ribeirinhos, seringueiros, populações assentadas pela Reforma Agrária, bem como expressivas biodiversidades.

Tudo isso produz essa sociodiversidade, com uma população que compartilha um manancial milenar de culturas, de saberes, de imaginários, mitologias e manifestações religiosas e artísticas, de modo que pensar educação popular na Amazônia, na Pan Amazônia, significa dialogar com esse manancial milenar de culturas, tradições e saberes. É fazer também com essas culturas, tradições e sabedorias de conexão com o sagrado, com a terra e com a água. Nós partimos de



um pressuposto básico que é o de que, na educação popular, não é possível pensar o futuro sem Amazônia. Estamos sempre desafiados, o tempo todo, para pensar o futuro.

Seguindo esse pensamento, João afirmou não ser possível pensar uma educação e Amazônia livres sem uma educação libertadora. Com base nisso, há uma pesquisa que constituiu em mapear e mostrar algumas experiências de buscar atualizar a história e procurar romper um pouco o silêncio que paira sobre essa região.

Nesse primeiro momento, a estratégia foi o mapeamento do que estava escrito e disponível a ser acessado nas plataformas textuais e sites, “porque não tínhamos e não temos recursos para fazer trabalho de campo com todos esses países”, diz João. Porém, a pesquisa aponta para a necessidade de mais estudos na educação popular e de novas estratégias para acessar as experiências que não estão sistematizadas de forma escrita no sentido da busca da tradução oral, do muito que está registrado na memória das experiências vividas do nosso povo e por ocasião da pesquisa, não conseguiram mapear as experiências de três países, pois o instrumento acadêmico de pesquisa, a metodologia, não se adequaram à tradição oral dos habitantes desses locais, e isso, em parte se deve à fragilidade na sistematização de experiências. E também ao fato de que muitos povos não sistematizam ou registram suas experiências, o fazem na memória, como sendo essa a fonte primordial para acessar o saber.

O levantamento realizado até o momento revela que particularmente na Pan-Amazônia há uma riqueza de experiências vinculadas aos Movimentos Sociais, às ONGs, às Universidades e, até mesmo, ao Estado. Essa Educação Popular está ligada às necessidades centrais dos povos da Amazônia em áreas de atuação, como ecossistemas, bem viver, saúde pública, interculturalidade, alfabetização, defesa territorial, gênero e outros.

A preocupação com o meio ambiente, com a diversidade cultural e com a saúde pública é muito forte nessa região.

João, com seu lindo sotaque, seguiu nos dizendo que também é forte o tema da alfabetização, porque, mesmo no Brasil, os índices de analfabetismo são muito elevados na região Norte (ficamos pensando no teu método de alfabetização, Paulo, e no quanto tu ficarias triste, sabendo disso). E, quando pensamos na Pan-



Amazônia, esses índices são altíssimos, o que traz o desafio de se pensar alfabetização – mas não qualquer alfabetização – que seja bilíngue, no mínimo, ou multilíngue. Essa alfabetização cultural e ambiental é totalmente construída e sustentada para nossos povos indígenas. A diversidade linguística é um fato, é uma riqueza que constitui sua cultura. Boa parte dos povos indígenas é bilíngue ou multilíngue, porque além de sua língua materna, ainda aprendem a língua do colonizador e, às vezes, dos povos indígenas com os quais interagem. Então, esse é um desafio para a alfabetização.

Para João, todas essas experiências evidenciam que são muitos os formatos de Educação Popular. Além dos já mencionados, há muitos trabalhos em rádios comunitárias. Lembrando que o Movimento de Educação de Base tem forte trabalho com a rádio na Amazônia. Na Pan-Amazônia, a Educação Popular também encontra nas rádios comunitárias uma forma de expressão, porque a rádio é uma maneira fantástica de atingir uma grande área e a população, com uma tecnologia que não é cara, e que, normalmente, as comunidades possuem. As rádios comunitárias são uma ferramenta importante de educação popular naquela região.

Outros formatos de Educação Popular são os projetos sociais em comunidades rurais, em aldeias indígenas e os projetos de extensão das universidades. Usamos também o discurso da Educação Popular associada a outras nomenclaturas críticas produzidas pelos próprios autores do desenvolvimento da Amazônia como: Educação Comunitária, Educação Própria, Educação Intelectual, Educação Integral.

Querido Paulo, como tu podes sentir na fala do João, ele é um educador popular, encharcado da cultura do povo com quem ele convive e constrói a educação libertadora. É muito simpático e sorridente. Te imaginamos sentado, quieto, escutando esses dois grandes educadores populares, com amorosidade e alegria.

Caríssimo Paulo Freire, aqui contamos um pouco do cotidiano de educadoras e educadores populares imersos em seus coletivos, na tentativa de construir um Brasil socialmente mais justo e igualitário. E esses permanecem firmes nesta caminhada pela Educação Popular, porque o embasamento que fundamenta seus fazeres vem das tuas obras, das tuas escritas e vivências com o povo por quem tinhas tanto bem querer.



*Pensar para transformar o mundo*

cafecompaulofreire@gmail.com